

COMPRA

AZULEJOS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

PROPRIETARIO E DIRECTOR — PALERMO DE FARIA

Redacção e Administração: C. do Jogo da Pella, 6, 2.º — LISBOA

Composição e impressão — A LIBERAL — RUA DE S. PAULO, 216

PREÇO 20 RS.

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 1907

Tiragem 6000 exemp.

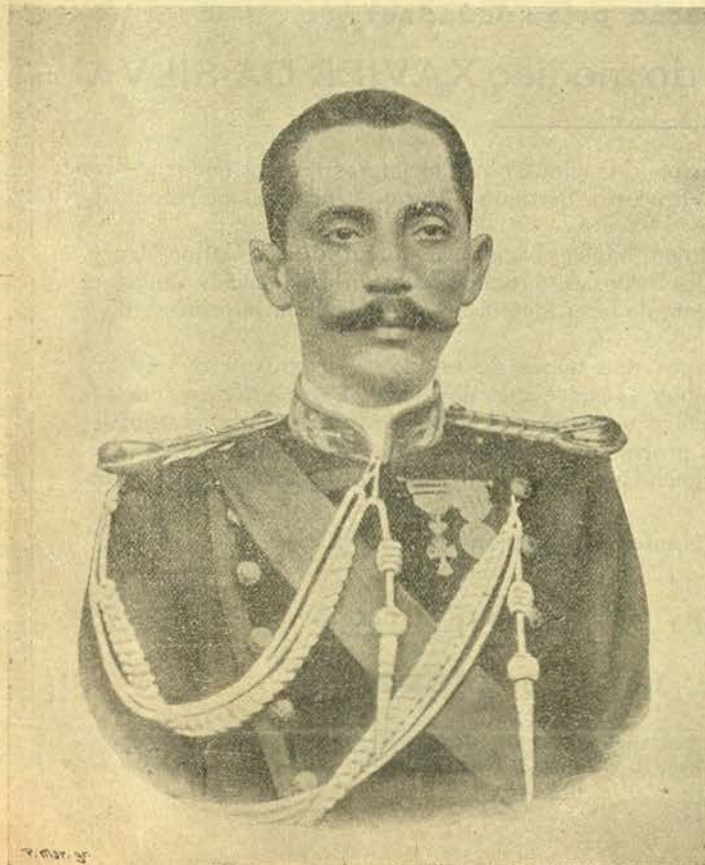
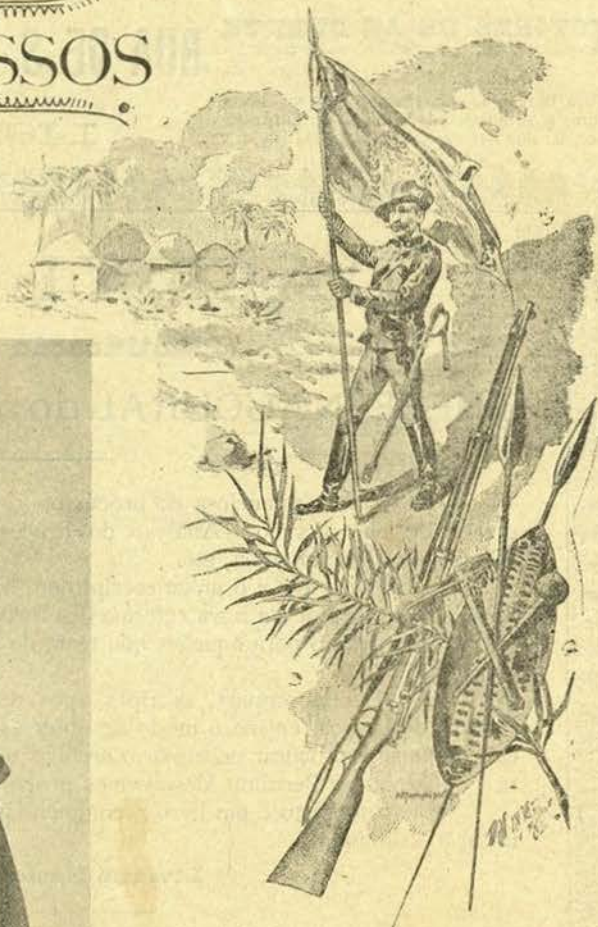


Numero do Natal



OS NOSSOS

J. A. A. R.



Publicando o retrato do intrepido capitão Roçadas «O Azulejos» presta respeitosa homenagem aos heroicos soldados vencedores do Cuamaio.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º-Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clínica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde

TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

A LIBERAL

Officina TYPOGRAPHICA

Proprietarios

PALERMO DE FARIA & C.ª*Trabalhos Typographicos*

EM

Todos os Generos

**RUA DE S. PAULO, 216****LISBOA****Januario & Mourão**

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 15000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRACA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

**GATO PRETO**

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que tem de fazer identificações e lidar com impressões digitales.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signalitico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª**Rua Aurea, 186, 188 — LISBOA**

COMPRA



20 ANOS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

Redacção e Administração:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal - R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 23 DE DEZEMBRO DE 1907
 NUMERO AVULSO 20 REIS

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias.....	300 rs.
Colonias.....	400 »
Brazil (moeda forte).....	900 »

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



pproxima-se a maior festa da christandade, o Natal.

E quantas recordações da infancia, quantas saudades, d'esses bellos tempos em que o nascimento do Homem Deus era para mim o melhor dos sonhos.

Não me esquecia nunca de ir, ao deitar, pôr os sapatinhos na lareira com a convicção firme de que o Menino Jesus não deixaria de lá depositar um brinquedo.

E todos os annos o milagre se repetia, e quando, logo de madrugada ia encontrar um cavallinho, um palhaço, ou um carrinho com muitos guisos e campainhas dentro dos sapatos, batia as palmas de contente e corria a dar a novidade á minha nunca esquecida mãe e á minha avósinha que me beijavam sorrindo e me diziam com essa inflexão que só as mães teem:

— Vês, não te diziamos que tendo sempre muito juiso e sendo muito amigo da mamã, do papá e da avósinha, e não fazendo maldades, o Menino Jesus nunca se esquece de trazer bonitos?

E durante todo o dia, o cavallinho,

o carrinho e o palhaço andavam n'uma roda viva.

Que saudades d'esses tempos que passaram ha tantos annos e que não voltarão mais!

Como é triste recordarmo-nos d'esse passado tão longiquo, mas tão cheio de alegrias, de caricias e de affagos.

Agora que o gelo dos invernos me despedaçou uma a uma todas as illusões, que a pouco e pouco foram caindo quasi todas as pétalas da flôr da existencia, que as tristezas substituíram as alegrias e os sorrisos, que olhando para o passado vejo as campas onde repousam os avós, os paes, os amigos d'essa infancia tão sem cuidados; quando antevêjo que se aproxima a passos de gigante o momento de tombar tambem ao lado dos que tanto amámos, convencome de que a vida não passa d'um caminho cheio de cardos e de abrolhos, cortado de precipicios, de sofrimentos e de dores.

Estrada de lagrimas e soluços que despedaçam, de penas que não cessam, quanto seria melhor não ter nascido, ou ter morrido quando sonhávamos com a felicidade de ver alvorecer o dia em que o Deus Menino vinha, com mão generosa, trazer-me o premio da minha sisudez de creança.

N'esse tempo que as brumas do passado me vão occultando mais e mais, no horizonte da minha existencia tudo sorria; a aurora annunciava-me um dia de felicidades, o pôr do sol deixava-me uma esperança.

Agora quando o sino do campanario chama os fieis para a missa do gallo, lá vou, com passo vacillante, embuçado n'um capote que me abriga do nordeste e, o tanger do bronze parece chamar-me ao somno eterno.

Não passam impunemente noventa e quatro nataes!

E ao voltar a casa, quando me sento á mesa e saboreio tranquilla e serenamente a canja tradicional, não deixo de pensar:

«Será a ultima?»

E quero revoltar-me contra estas tristezas que me opprimem, quero esquecer esse passado no que elle tem de doloroso, quero olhar para deante, para o futuro, mas é limitado o campo, o futuro é para mim, coberto de cans, alquebrado, velho, quasi decrepito, o dia d'amanhã; o seguinte já o entenebrecem as incertezas e as duvidas.

E sinto que as forças já não chegam para lutar, mas tento ainda, um arranco mais... Para que serviu? Para cobrir-me de suores, para provar-me que não posso!

Mocidade, vida... foi-se tudo.

.....

Accordei agora, foi pezadello, não ha duvida. Quem me veio atormentar tão desalmadamente quando pensava n'uma perua gorda e rechonchuda que tenho alimentado com mil cuidados, para lhe dar no grande dia morte natural para sempre, como se escrevia nas sentenças dos antigos tempos quando, á força, ou ao cutello, era condemnado um desgraçado?

Foi duende, foi bruxa ou lobishomem?... *Vade retro!* Comerei ainda um cento de peruas antes da ultima e, quando ella chegar, a grande perua, dar-lhe-hei o braço exclamando:

— Vamos, espera-nos um planeta mais perfeito e mais completo; logo ao chegar dar-te-hei, se lá houver... chá e torradas.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Ainda a hygiene dos olhos.

Muita gente, depois de lavar cuidadosamente as mãos, a cara e o résto do corpo, costuma fazer, tôdas as manhãs, uma lavagem especial e por assim dizer, *à parte*, dos olhos e sobranceiras. Aham os individuos que assim praticam, que estas ablucões constituem um acto de hygiene particularmente favoravel aos órgãos visuaes e muito principalmente se são feitas com agua simples muito quente, infusões de plantas diversas, agua bórica, etc. E' este um preconceito que necessario se torna fazer desaparecer do espirito publico. Os cuidados vulgares de limpêza são bastantes para conservarem a integridade dos olhos e, além do caso do individuo sêr portadôr de determinadas doenças daquelles órgãos e especialmente de *bléfarites sêcas* (inflamação especial das palpebras), não vêmos necessidade de se lavarem os olhos, de maneira diferente daquella como se lava o resto da cara, devendo mêsmo não esquecer que o uso continuo e aturado do acido bórico pode produzir grandes irritações locais.

E' banal, nas consultas de doenças dos olhos, vêrem-se chegar as crianças portadoras de conjuntivites e outras inflamações oculares, com os olhitos cobertos por uma enorme pála, um grande lenço ferozmente apertado. Em geral, são as mães que tapam hermeticamente as regiões doentes, afim, dizem, de protegêr os meninos do incomodo que lhes causa a luz. Este uso é simplesmente detestavel, por quanto as secreções morbidas, humor, muco, muco pus, pus, etc, e o inchaço (edema) das palpebras num olho inflamado, aumentam sensivel e consideravelmente com a applicação dêsse abominavel tapa-olhos. A influencia desagradavel da luz deve sêr combatida, não o negamos, porem não com o môlho de trãpos usual, mas sim a beneficio de oculos ou lunêtas de vidros fumados, muito escuros mêsmo, e em forma de concha.

Abaixo as ataduras, es lenços, os trapos, o penso oclusivo emfim, sempre que exista secreção da conjuntiva.

Esta regra é a que deve seguir-se na maior parte dos casos especialmente quando não existam lesões da cornea.

ARIOSTO PALMANDO

ESPIRITISMO

Comunicação de
Julio Diniz

Mais uma comunicação obtida por F. L. das que hão-de fazer parte do seu livro actualmente no prelo.

Vae, como as restantes, sem comentarios.

E' attribuida ao primoroso escriptor Julio Diniz.

O dia de Natal é por excellencia o dia grande para o christão.

Não ha outro maior no anno.

Para que a natureza das coisas esteja sempre em desarmonia com a verdade dellas, até o dia maior da humanidade é o dia mais pequeno do anno.

E' naturalmente por isso que Christo nasceu de noite.

A Noite era a maior; e Deus nosso Pae, queria com aquelle nascimento na maior noite dizer ao homem que era aquelle Filho seu a luz maior para dissipar a mais dilatada treva.

A civilisação, feita de commodismos e vaidades vai rindo das cousas que eram o encanto dos nossos avós, e que constituíam os mais bellos reflexos da crença e do amor.

Hoje só nos recantos ignorados da nossa provincia se festeja sincera e devotamente a grande noite.

Só lá se reúnem os parentes e amigos para quinhoarem a consoada, fazerem a meia noite e irem assistir devotamente ao nascimento do Menino, como se em verdade elle nascesse no humilde presbyterio, caidinho de branco e rescendendo a incenso, perdido no centro da povoação, como sentinella vigilante contra a heresia civilisada.

Lá vão todos, cantando e folgando, como quem vae para a festa maior, depois de nas suas salas e nos seus eirados, terem passado revista amistososa ás suas familias, deixando cahir uma lagrima de saudade pelo ausente que a distancia conserva afastado, ou que a morte afastou para sempre daquella consoladora cerimonia.

Alli, naquelle meio, onde as philosophias ainda não chegaram, ainda não ha pejo de se confessar em voz alta a crença em Deus que adoram, nem em Jesus de que festejam o nascimento; mas sabem na simplicidade da sua alma que aquelle Menino que vão ver nascer, é a paz do seu lar e da sua consciencia; que é por elle que alli estão reunidos, e que é com elle que se apegam nas suas dôres, que é a elle que encarregam de velar pelo filho, pelo pae ou pelo irmão ausente e que é d'elle que esperam o pão e a salvação.

A's suas almas bôas isso lhes basta.

Essa fé encontraram ao entrar no mundo e essa fé desejam legar ao sahirem d'elle.

Não conheci na terra cousa tão tocante como a noite do Natal provinciana.

E' o momento unico da familia. Os ausentes, naquelle instante deixam de pensar nas suas locubrações, nas suas magoas pessoases, para enviarem um pensamento de saudade, e de ternura aos seus velinhos de cabellos alvos como estrigas de linho, que n'aquelle mesmo momento resam por esses ausentes, alheando-se de si proprios na magoada saudade de os não ver, e no timido receio de que a neve que lhes cobre os cabellos desça ao coração sem os voltarem a abençoar em nome de Deus.

Momentos de recordação e de saudade, em que os risos teem a placidez dos justos e as lagrimas a suavidade do amor puro.

Todos se lembram, todos se reúnem em pensamento ou em corpo, em nome de Jesus e para lhe festejarem mais um nascimento.

Alli estão todos, á luz mortíca do brazeiro, a recordar, a rir ou a rezar, consoante o sentimento que domina a familia toda, na mais tocante communhão de affectos.

E tudo suavemente, e tudo tranquillamente, como se a suavidade humilde e divina do Mestre tivesse baixado a envolver na luz torna do seu affecto aquelles que em nome d'Elle alli se acham reunidos.

Nas cidades, onde o silvo do vapor, o rugido dos enormes monstros de aço e ferro, o fumo das chaminés, a celeridade dos movimentos, a lucha pela vida, a moda e a civilisação empederniram o coração humano, ou pelo menos o embotaram pelo egoismo ou o preverteram pela vaidade, não se conhecem aquelles deliciosos momentos, e alcunham de piéguice condemnavel o que de bom existe no organismo humano — o sentimento.

Como eu os lamento! Como são dignos de lastima na sua ignorancia ou na sua inconsciencia!

Natal! Natal! Nasceu o Redemptor! Que Elle dê a paz ao mundo; e a ti, meu querido amigo a luz á tua alma e a paz á tua vida!

JULIO DINIZ.



MADRUGADA

A madrugada
Rompe formosa,
Acorda a rosa
De finas côres;
Voam ligeiros
Os passarinhos,
Deixando os ninhos
Cheios de flores.

29-10-97

SILVINA

Ensino dos Cegos

A OBRA PHILANTROPICA DE BRANCO RODRIGUEZ

A convite do nosso amigo e director da Escola Branco Rodriguez, visitámos em um dos dias da semana passada o edificio da travessa do Falla-Só, onde a mesma escola existe.

Não mentimos ao leitor se lhe dissermos que chorámos commovidos ao virmos aquellas crianças cegas, alegres, sorridentes, sem uma penumbra de preocupação a empanar-lhes o espirito.

E' que elles sentem como nós a vida, tem como nós aspirações e sentimentos, partilham connosco a alegria de viver, sem que, mercê do excellente metodo d'ensino que se ministra naquello estabelecimento e do carinho e bem estar que por toda a parte os rodeia, se lembrem que apénas têm quatro sentidos por meio dos quaes tomam conhecimento do mundo que os cerca.

São cegos e quase não dão por tal.

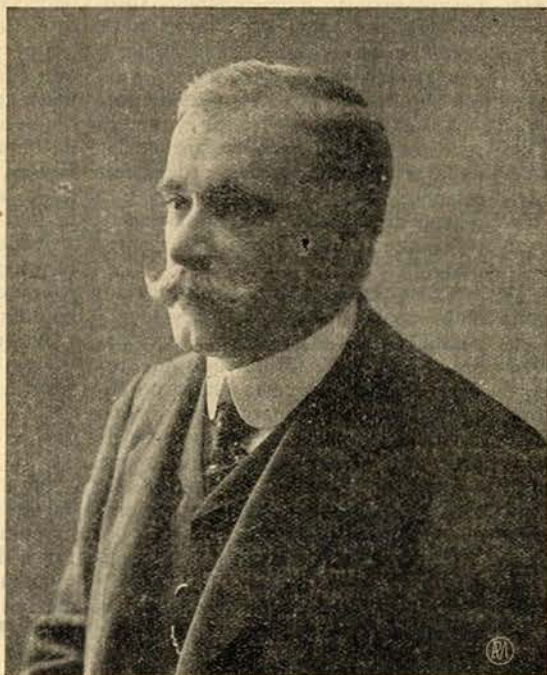
Todos sabem que, quando um sentido diminue d'intensidade ou mesmo desaparece, os outros, por uma especie de lei compensadora, desenvolvem-se com mais pujança e vigor e foi, colhendo os frutos d'este principio, que Braille idealizou um método de leitura e escrita para os que vivem na treva, onde a perfeição do tacto corre parêlhas com a mais limpida visão.

O método estenographico usado na escola Branco Rodriguez permite aos alunos uma cultura intelectual tão perfeita como a que se ministra nas escolas dos que veem, assim: tivemos o prazer de vêr, escritas, e rapidamente, pêlos educandos de Branco Rodriguez, frases inteiras que lhes dictámos e que um outro aluno, propositadamente afastado da sala, veio logo lêr corrente e correctamente, fazendo escorregar vertiginosamente os dedos pêlo papel. A leitura e tradução de trechos francezes, a factura rapida das quatro operações arithmeticas, por inteiros e decimaes, a distincção pêlo tacto e pêlo olfacto de diversas substancias, algumas das quaes tão semelhantes entre si que nós as não distinguirmos, o apontar immediato e sem hesitações, das cidades, villas, rios, montanhas e até limites de provincias, no mapa, em relêvo, d'este nosso Portugal, a execução ao piano, justa, perfeita e har-

monica de trechos musicas diferentes, entre os quaes ouvimos um dos publicados em o nosso semanario, a agudeza do raciocinio, o repente da memoria, a graça e fina critica lançadas a proposito de qualquer observação que faziamos, tudo isto emfim conseguimos vêr pôsto em pratica

o aluno mais deligente da Escola do Porto, dirigida pelo sr. Miguel Mota. Nas escolas de Lisboa e Porto, respectivamente fundadas em 1901 e 1903, ministra-se o ensino intelectual e profissional a crianças cegas de ambos os sexos, ensino que se re-

parte por duas divisões, a primeira das quaes consta das seguintes disciplinas: Leitura e escrita pelo método de Braille, rudimentos de grammatica portugueza, elementos de calculo, chorographia e historia patria, doutrina e moral, educação phisica; constando a segunda do complemento das disciplinas expostas e ainda do estudo das linguas franceza e inglesa, geographia e historia geral, sciencias phisicas e naturaes, musica, modelação e trabalhos manuaes. O ensino das linguas é gratuitamente feito pelas escolas Berlitz, a musica é lecionada por Mr. Leon Janet, antigo aluno do Instituto dos Cegos de Pais e organista da capela do Paço das Necessidades. A instrução complementar é ministrada pela Ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Maia Pereira, diplomada com louvor pela Escola Normal de Lisboa, que é tambem professora de lavôres e possuidora d'uma finissima educação, dum trato lhano e afavel, dum coração diamantino e carinhoso. E' ella uma das mais eficazes colaboradoras na lu-



Branco Rodriguez

Fundador das Escolas de Cegos de Lisboa e do Porto

pêlo aluno Alfrêdo Fernandez, rapaz simpatico e muito inteligente, o qual animado da mais captivante boa vontade, se esforçou e conseguiu satisfazer-nos a curiosidade.

A obra de Branco Rodriguez é enorme. Torna-se necessario visitar a escola por elle fundada e que com tanto zêlo e proficiencia administra para se reconhecer o valôr do comettimento, o arrojado da iniciativa.

Para a instrução dos alunos possui a bibliotheca perto de 500 volumes de Camões, Garrett etc., estenographados quase tôdos pela Ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Madre Deus Pereira Coutinho, dama da nossa primeira sociedade e pêlo Dr. José Gonçalves Curado, medico portuense que teve a infelicidade de cegar pouco depois de obtêr a sua carta, um dos discipulos de Branco Rodriguez que mais depressa aprendeu a lêr e que actualmente escreve livros para cegos, instituindo um premio pecuniario para

cta esforçada e na propaganda infatigavel e apaixonada do benemerito Branco Rodriguez. A instrução elemental está a cargo do Ex.^{mo} sr. Marcos Barreiros, tambem antigo aluno de Branco Rodriguez.

Na escola ha tambem valiosas officinas, como o leitor facilmente verá pelas nossas gravuras, onde são patrocinados aos adultos, diversos trabalhos manuaes destinados a desenvolverem lhes os espiritos.

Um dos fins da escola é ainda procurar colocação na vida pratica aos seus antigos alunos e outros cegos, depois de lhes terem ministrado o pão do espirito.

Esta escola que conta actualmente 24 alunos, entre internos e externos, fornecendo a estes ultimos não só a educação e alimento, mas tambem mesadas que variam entre 1\$000 e 6\$000 réis, poderia espalhar muito maior copia de beneficios se os governos lhes dispensassem o seu apoio,

obrigação que o mais rudimentar dever de caridade social lhes impõe, e se o publico a olhasse com verdadeiro amor e consciencia, contribuindo com o seu obulo, por magro que fôsse.

Assenta aqui perfeitamente, um pedaço dum eloquente artigo publicado em 1895 pelo conego Senna Freitas:

«Branco Rodriguez, o maior, o mais intelligente, activo, humanitario e, mais que tudo, obstinado propulsor da obra dos cegos na nossa terra, tem feito e continua a fazer com um zelo acrédor dos mais calorosos encomios o que é humanamente possível para a perfeita organização do ensino intellectual e profissional dos cegos.

«Dêmos-lhe a mão, coadjuvemos-lhe os seus esforços e provemos-lhe que quando a chispa de uma ideia humanitaria cae no sólo caroavel da terra portugueza, não se apaga inerte, mas n'elle produz a combustão infalível dos corações preparados e dispostos para se deixarem inflamar sob a acção communicativa do bem.»

Perfeitamente d'accordo com as palavras do distincto orador e publicista, acreditamos piamente que os trabalhos tão insanos quão louvaveis de Branco Rodriguez, em Lisboa, e do distincto jornalista Miguel Mota, no Porto, ficarão perduráveis e hão-de ser auxiliados pelo favor do publico quando este mesmo publico, tão nobre em sentimentos e tão generoso em impulsos, conhecer em todos os seus detalhes e minucias o valor e desinteresse deste commettimento.

Agradecendo a fineza do convite e a amabilidade com que fomos recebidos pedimos desculpa se as nossas palavras sinceras e justissimas vão ferir a modestia que mais nobilita ainda o caracter do nosso amigo, o Ex.^{mo} Sr. Branco Rodriguez.

Querendo da nossa parte manifestar o desejo de sermos o mais insignificante auxiliar dessa obra monumental, apelamos desde já para os corações bondosos, rogando-lhes um obulo de qualquer natureza, por diminuto que lhes pareça, afim de avultar a receita ou completar a alegria dos pobres alumnos.

As refeições são-lhes fornecidas pela Misericórdia, e nestes dias de festa em que todos procuram melhorar a sua mesa, repartamos com elles uma fatia do nosso pão, levemos-lhe qualquer coisa de agradável e util, que a elles falte e a nós sobeje, um fato usado, umas frutas, uns pequenos nadas que ha em todas as casas.

Conscios de termos assim cumprido um dever, pômos á disposição da caridade publica, para quem apellamos, as colunas do nosso jornal onde serão publicados os nomes dos bemfeitores, e a sede da nossa redacção para onde podem ser dirigidas todas as offertas.

Segue a subscrição.

Subscrição promovida pelo «Azulejos» a favor das escolas de cegos Branco Rodrigues.

Redacção do «Azulejos»...	5\$000
Um anonymo.....	1\$000
Segue total.....	6\$000

Uma lenda

Conta-se, e não sabemos com que fundamento, que no convento dos Jeronymos, todas as noites succedia um caso extranho que, invariavelmente se repetia quando na ultima resa da noite os frades se reuniam no côro.

As resas eram feitas com o Santissimo exposto, n'um magnifico throno que se erguia no altar-mór. A certa altura as luzes começavam a apagar-se começando no altar e indo até ás ultimas do extremo superior.

Assustaram-se os frades e por fim recusaram-se a ir ao côro, apesar dos pedidos instantes e das ordens terminantes do padre superior. O sino deixou de tocar para o matinas e soube-se que a resa havia sido supprimida.

El-Rei D. João V a quem haviam dado conta do que se passava, foi pessoalmente ao convento e pelo padre superior lhe foi narrado que, todas as noites, em certa altura do côro uma sombra apparecia no throno e successivamente apagava todas as luzes não sendo possível evitar que o facto se dêsse e nem tendo elle forças para obrigar os frades ao cumprimento dos seus deveres.

Ouviu El-Rei a narração e replicou:

— Pois bem, amanhã assistirei ás matinas na capella mór; que não falte ninguém; quero presenciar e vêr como as cousas se passam.

No dia seguinte, dando-se cumprimento á ordem, accendeu-se o throno e á hora do ritual começaram as resas, como anteriormente; chegados ao ponto indicado, a sombra appareceu e as luzes principiaram a extinguir-se.

Levantou-se El Rei, e acompanhado d'um dos fidalgos da sua côrte foi subindo os degrãos da escada que ladeava o throno. As luzes iam desaparecendo successivamente e quando restavam apenas duas, El-Rei desempainhou a espada e estendendo-a adeante da custodia, exclamou:

— Estas defendo eu.

Entre a sombra mysteriosa e El-Rei trocaram-se em voz muito baixa algumas palavras e as luzes ficaram.

El-Rei desceu e dirigindo se ao superior disse-lhe, que nunca mais se repetiria o que tanto os assustara, e que não faltassem nunca ao cumprimento dos deveres que lhes impunha a ordem.

Effectivamente a mysteriosa sombra não voltou e, pouco tempo depois, o Santo Padre auctorisava que, em dia de Natal, em todas as egre-

jas portuguezas, cada sacerdote celebrasse tres missas.

Accrescenta-se ainda para completar a lenda que, subindo na companhia do fidalgo a calçada do Galvão, El-Rei perguntára:

— Ouviste?

— Ouvi, meu senhor.

— Pois não contarás. E atravessou-o com a espada deixando-o instantaneamente morto.

Ao apparecimento do cadaver ouve o natural espanto e, pela correge-doria, foi ordenada rigorosa devassa; depois de bastante tempo, foram descobrir na casa fronteira ao local em que o cadaver se encontrára uma velha entevada que tinha a cama, onde jazia ha bastantes annos, junto da janella que dava para a rua.

Interrogada a enferma declarou ella que effectivamente sentira n'aquella noite um gemido abafado, seguido do baque d'um corpo. Que se tinha sido feita uma morte, o assassino era El-Rei, porque perfeitamente o reconheceria pelos estalos que lhe davam os joelhos, quando andava.

A devassa terminou aqui, como facilmente se infere, e, a lenda, foi passando atravez dos seculos e ainda hoje ha quem se lembre de conta-la.

A credence popular não tem limites.

JOÃO PACIFICO.

A LUZ

E' a luz mais benigna que o sol; porque o sol alumia, mas abrasa; a luz alumia e não offende. Quereis ver a differença da luz ao sol?

Olhae para o mesmo sol, e para mesma luz de quem elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céo, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gosto agradável do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada.

O céo accende-se; os campos seccam-se; as flores murcham se; os animais buscam as covas; os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.

A razão natural desta differença é porque o sol (como dizem os philosophos), ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui semelhante ao fogo; elemento terrível, bravo, indomito, abrasador, executivo, e consumidor de tudo.

Pelo contrario, a luz em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim, creada para companhia e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são, em toda a organização do corpo humano, a parte mais humana, mais delicada e mais mimosa.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

A Gorgeta

(Conto á moda inglêsa)

Nêsse dia, 15 d'agosto de 1885, Lord Walter Brighton, solteirão impenitente, milionario e subdito fiel de S. M. Britanica, devia ás 11 horas em ponto, da manhã, largar do pôrto de Liverpool, no seu magnifico e luxuoso *yacht* a vapor *Fox*, para, em companhia de seis amigos por elle convidados, dar a volta ao mundo.

Combinara-se que cinco dos Pilades dêste Orestes, domiciliados na referida cidade, estivessem a bordo ás 10 horas, e que o sêxto, William Brown, que habitava em Edimburgo, chegando no rapido das nove e meia, fosse ao hotel das Indias juntar-se a lord Walter, seguindo, d'ahi, os dois para o *Fox*.

Ora aconteceu que, pêla volta das nove e quarto, o milionario que, no seu principêsc aposento, esperava impacientemente o seu amigo escocês, recebeu dêlle um telegramma concebido nos seguintes têrmos: «Tio Joe doente, quero vê-lo antes partir; só chêgo Liverpool meio dia. William».



Escola de Cegos «Branco Rodriguez»
de Lisboa e do Pôrto

Miguel Mota, director da Escola do Pôrto

trou na baleeira do *Fox* que o levou para bordo como uma sêta.

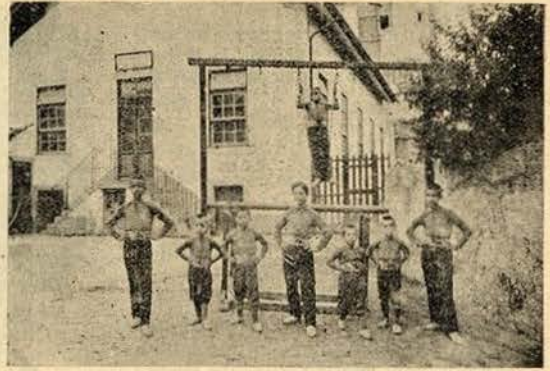
Às 10 e meia, o moço da camara annunciava-lhe que um criado do hotel das Indias, chegado num bote d'aluguer, desejava fallar immediatamente a Sua Honra. Este homem era portadôr dum telegramma com a nota «Urgente» e que rezava assim: «Tio Joe morreu indigestão cerejas; herdo dois milhões libras. Não posso ir contrário. Saude. William».

— Melhor, exclamou lord Walter, e dando com o dêdo no ponteiro da pontualidade, fêl-o andar para traz, ordenando que estivesse tudo a postos para levantar ferro ás onze.

E assim foi! Um toque de sinêta, um silvo prolongado, um estremecimento em todo o navio á primeira volta da helice e meia hora depois, nem já havia signal do *Fox* no horizonte.

Decorrêram dois annos e nêsse lapso de tempo o *Fox*, não desmerecendo da sua antiga e bôa fama de *papa-milhas*, deu a volta em redor da terra, demorando-se, mais ou menos, nas principaes povoações maritimas do mundo, conforme os desejos e caprichos do seu proprietario e de seus cinco amigos. Emfim, no dia 18 de agosto de 1887, por uma bella manhã de sol, o *Fox* demandava o pôrto de Liverpool, cortando a onda esverdeada do oceano e avançando impavido e serêno como o cisne de Lohengrin. A brêve trecho fundeava e um quarto de hora passado, lord Walter saltava em terra firme. Mas, ao pôr o pé no caes ouviu uma voz forte, que num tom, entre respeitoso e ironico lhe dizia:

«A's ordens de V. Honra, *mylord*; cá está o *Cab*. Walter levantou a cabeça e viu diante de si o cocheiro que, dois annos antes, o tinha conduzido ao caes.



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez»
de Lisboa e do Pôrto

Escola do Pôrto—Aula de ginástica

Walter, ao ler o fatal papel, deu um murro no toucadôr, quebrou um *biblot* de grande preço, pediu e bebeu um bom calice de *old tom gin* (acto este que indicava no lord grande preocupação de espirito) e pensou da seguinte maneira:

«E' a primeira vez que falto á palavra dada á pontualidade. Desespera-me o caso, mas o remedio é esperar. O motivo do atrazo é «santo, William é um bom amigo e, portanto dêvo sacrificar-me».

«Partirei á uma hora». E, de bem já com a pontualidade, regressou immediatamente ao estado de socêgo que raras vêzes o abandonava; rolhou cuidadosamente a garrata do espirituoso e aromatico cordial, agora desnecessario, e voltou a falar consigo proprio do modo seguinte: «Se fico ahi á espera até ao meio dia, os meus amigos, que estão a bordo e que me conhecem o feitio, julgarão que me «aconteceu qualquer coisa desastrosa. O melhor é ir socegal-os. São «nove e meia. Sobra-me tempo. A's onze e meia estarei de volta». Dito e feito: desceu rapidamente a esplendida escada do *hotel*, atirou-se para dentro dum dos muitos *Cabs* que estacionavam á porta e gritou ao cocheiro:

— Para o caes. Tenho pressa. Bôa gorgêta.

— Pronto *Mylord*, exclamou o automedonte, que sabia muito bem quanto *pesava* o freguez que ia ter a honra de conduzir.

— Não saías d'aqui sem eu chegar, gritou lord Walter ao cocheiro, quando o *cab* parou; e apeiando-se apressadamente, en-



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez»
de Lisboa e do Porto

Escola de Lisboa—Officinas de palheiroiro e de escovas

— Good by, meu rapaz, então que tens feito nestes dois annos?

— Tenho estado sempre no mesmo lugar á espera de V.^a Honra. A ordem era formal... Lembro-me perfeitamente das palavras de lord Walter: *não saias d'aqui sem eu chegar*. Foi o que fiz, *mylord*; ha vinte e quatro menses que permaneco n'este sitio, mandando vir a comida da taberna e dormindo no *cab*...

— Está bem, interrompeu o milionario, conduze-me ao *hotel*.

Dez minutos depois Lord Walter estava no seu aposento do *hotel das Indias*, sentado junto a um bufete d'ebano com incrustações de prata: diante d'elle perfilava-se o cocheiro.

— Quanto te devo? perguntou Walter sacando do bolso um livro de chéques.

— Setecentos e trinta e três dias a uma libra por dia, ... são setecentas e trinta e três libras, V.^a Honra... uma libra por dia, parece-me que não é caro... Ha para ahi colégas meus...

— Parece-me que ainda me não queixei, interrompeu o lord, franzindo o sobrolho e fixando com o olhar a garrafa de *old tom* que, poeirenta e triste se conservava sobre o bufete.

— «Hasde vêr se está certo,» continuou, e estendeu lhe o cheque que acabara de enchêr e assignar: «Adeus, meu rapaz, até á vista.»

O cocheiro agarrou o papel, mas, em lugar de sair, permaneceu no mesmo lugar, como se estivesse pregado ao chão.

— Que mais temos? exclamou Walter, ligeiramente irritado e olhando outra vez para a vasilha de *gin*.

— E' que... é que..., gaguejou o cocheiro, V.^a Honra ao entrar no *cab* prometeu-me bôa gorgêta se...

— E' justo, murmurou o lord, uma gorgêta de dois annos deve sêr digna do trabalho feito, unicamente... pago em género.

E, antes que o homenzinho tivesse tempo sequer de pensar em defender-se, assentou lhe um valentissimo pontapé naquêlle lugar do côrpo que é, desde a criação do mundo, reservado a tão amáveis caricias.

— Meu amigo, continuou lord Walter, enchendo placidamente um grande copo de *old tom gin*, pôdes gabar-te de possuir no fundo das calças amostras de lama e poeira das cinco partes do mundo.

Dizendo isto, bebeu, dum só trago, o conteúdo da taça... e ficou socegado.

ANACLETO.

Pensamento

A lingua e a religião são duas cadeias de bronze, que unem no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes e estes laços que se prolongam atravez das eras são a *Patria*.

ALEXANDRE HERCULANO



Missa do gallo

A neve estende lá fóra
o seu lençol branco e fino.
Na amplidão vibra, sonora,
a ultima nota do sino...

Gente de joelhos, adora
o presepio pequenino,
anceando pela hora
em que nasce o Deus-Menino.

No seu cantar estridente,
o gallo rei annuncia
a meia noite imminente!

O campo accorda a saudalo
E o abbadie principia
dizendo a missa do gallo...

(Das Canções da Vida)

LUÍZ CEBOLA

O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

Escolheu dusetos homens *d'élite* e disse-lhes estas palavras, obra prima no genero pratico: *Meus filhos, ides cobrir-vos de gloria; para isso bastará espalhar a morte e o desalento nas fileiras inimigas; não podeis, é certo, fazer prisioneiros mas, em compensação, matai, trucidai sem piedade. Marchae sempre juntos, como se fosseis um só homem e segui silenciosamente os meus passos. Vencer ou morrer é a nossa divisa. Quando chegarmos á margem direita, um assobio meu vos indicará o lugar onde deveis procurar-me e reunir-vos.*

Proferidas estas palavras, atirou-se á agua, seguido por dusetos valentes que nadavam com uma só mão, pois que tinham a outra empregada em segurar a espingarda e a patrôna fóra d'agua.—Atravessaram o rio sob o fogo dos contrarios, mas um quarto d' hora mais tarde, cumprira-se o programma, porquanto os postos avançados austriacos estavam literalmente massacrados. Dellard matou por sua propria mão o general Hoize e, atirando para a frente aquelle punhado de valentes, repeliu o contra ataque offensivo e assegurou ao exercito francez a passagem e

a victoria que ia salvar a Republica *un. e indivisivel*.

— No dia seguinte, durante o mais acêso periodo da batalha, Dellard, acompanhado apenas pela ordenança que o seguia, fez face a cincoenta soldados austriacos que, aterrados, deposeram armas. Masséna, em recompensa deste feito, conferiu-lhe o grau de chefe de batalhão, mas, custa-me até a escrever-o, o ministerio da guerra não confirmou a nomeação do general em chefe!

Só mais tarde, em 12 *floréal* seguinte, Dellard conseguiu obter aquella patente, combatendo como um leão no assalto do forte Hoentuvil.—Em seguida, sempre intrepido, continuou a gloriosa carreira no exercito do Rheno. Em 1807 foi nomeado coronel do 16.^o regimento d'infantaria ligeira á frente do qual fez as campanhas da Russia e da Polonia e mais tarde 1808 a 1810 a guerra d'Espanha.—Foi por esta occasião que, nas montanhas de Ximena, acompanhado apenas por quatro soldados, poz em fuga 200 espanhoes que, d'imprevisto, o assaltaram. Apoz a campanha da Russia, na qual se distinguia tambem, foi nomeado barão do Imperio e general de brigada (1813).

Apesar de têr defendido Valenciennes contra o exercito aliado, no periodo dos *Cem Dias*, não foi destituído pela Restauração, da sua patente nem do titulo; recebeu ainda a nomeação de Cavalleiro de S. Luis e morreu a 7 de Julho de 1832 em Bourg, departamento do Ain, onde comandava a sub-divisão militar.

— O general Boulart, avô materno de Paulo Dellard, fez o curso d'artilheria na escola de Châlons, donde saiu em 1793; incorporado immediatamente no exercito do Rheno, passou depois ao de Napoles e, por esse tempo morreram-lhe durante a lucta dois cavallos em que montava. Seguiu depois para o exercito d'Italia; obteve em 10 de Julho de 1805, o posto de chefe d'esquadrões e tão intrepidamente se conduziu durante a batalha de Iéna, que foi immediatamente transferido para a artilheria da Guarda. Em 1808 serviu em Espanha e em 1809 assistiu ás batalhas d'Essling e de Wagram. Um decreto, datado de 15 de março de 1810, conferiu-lhe o titulo de barão do Imperio. Fez, incorporado no *Grande Exercito* as campanhas de 1812, 1813, 1815. Coronel do regimento *a pé*, da velha guarda, comandou em Moscou, as baterias que, durante o incendio, acamparam nos patios do Kremlin.

Mais tarde, sob o regimen da Restauração, fizeram no cavalleiro de S. Luis e em 25 de Setembro de 1829 deram-lhe o grande officialato da Legião d'Honra. Comandou a escola d'artilheria de Strasbourg e mais tarde a de Besançon, morrendo quando occupava este cargo, aos 21 d'Outubro de 1842. O nome d'este valente está escrito no Arco de Triunfo ao lado dos dos seus companheiros d'armas.

— Paulo Dellard, descendente de taes heroes e filho da baroneza assassina, entrára para o ministerio da guerra em 1869 e fóra logo fazer serviço para o gabinete do ministro. Escreveu varias obras dramaticas sob o pseudonimo de Dorville, podendo entre outras, citar-se um episodio em um acto, escrito a proposito do anniversario de Molière e que foi representado no Odéon; um drama, *Le capitaine la Rapière*, levado á scena no teatro Beaumarchais e uma peça historica de grande espectaculo, *Conspiração do General Malet*, em colaboração com Richard, que teve grande exito no Chateau d'Eau.—Paulo foi sempre homem de grande inteireza de character e bastava vê-lo para se simpatizar com elle.

(Continúa)

Cumulos

Apagar a vela d'um navio.

Fazer a bilros uma renda de casa.

Depennar as azas d'uma panella.



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto
Escola de Lisboa—Officinas de gaioleiro e de cesteiro

Galheteiro

VI

A medida que os fundos portuguezes sôbem em Londres descem em Lisboa as lyras dos vates, a misturar o seu som ao da banza chorosa, em arripios do fado com dois dedos d'agua pé.

E' que o systema de educação das grandes sociedades, entre nós, começa pelo verso, medindo o que se pensa, e o que se diz, honradamente, com accentos predominantes e rimas ao alcance de todas as intelligencias; pratico e de optimo resultado.

O alfaiate celebra em sonetos as vantagens dos seus fatos, o sapateiro assegura em redondilha maior a solidez do seu cabedal, as lojas de modas,



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto
Escola de Lisboa—Officinas de gaioleiro e de cesteiro

as mercearias, os confeitores e os cambistas, criam uma nova arcádia nas columnas dos jornaes diarios exaltando os artigos do seu negocio.

Apollo abraça Mercurio e o commercio veste as musas de lavado.

Não vem longe o dia em que os medicos receitem em verso visto as pharmacias terem iniciado já o movimento.

Assim, aos dizeres da taboleta veremos accrescentar:

Receitas em alexandrinos.

Rimas para todos os medicamentos.

E o que faz tudo isto afinal?

A concorrência, o cerebro ao serviço do estomago, o eterno *struggle for life*.

Para triumphar é necessario recorrer a expedientes a *trucs*, a *ficelles*; o povo é exigente, quer bom, barato e *bonus*, um balão para o petiz



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto
Alfredo Fernández, 1.º aluno da aula de música da Escola de Lisboa

e pagar a prazo, com a condição de lhe mandarem as compras a casa.

E' portanto um meio, ás vezes agradavel até, de chamar a attenção das multidões.

E' a musica em vez da campainha, o convite delicado substituindo o grito do histrião, embora o interior da barraca seja o mesmo e identicas as annunciadas maravilhas.

O que nos faz porem deter em considerações é a leitura do annuncio d'um remedio, em verso, com rimas á *forceps* e tresandando a cataplasma de linhaça. Pilulas engrinaldadas em tercetos como nimphas á beira d'um lago, e tisanas de olhos em alvo como vestaes no templo, surgem por entre os annunciados de creada para todo o serviço e de alviças a quem encontrar um papagaio.

Qualquer doente, ou mesmo são a quem os lettreiros vermelhos das esquinas não despertam curiosidade e o parecer dos innumerados amigos, não

logrou convencer ainda da efficacia d'um medicamento em voga, lê o verso, ri, mostra o á familia, arranja-lhe uma musicasinha que ouviu e, ei-lo a cantar de manhã ao levantar da cama e a trautear na repartição a quadra do *anti qualquer coisa*, que vae ás mil maravilhas com o rythmo d'aquelle bocadinho do general Boum da Gran-duqueza.

E ahí está lançado o reclamo. Um dia uma visita queixa-se de dôres, e logo cantam-lhe a copla em ar de graça; a visita ri, pergunta o que é e ás vezes compra.

Não curará o mal, isso é problemático, mas o que sem duvida nenhuma se torna é um esplendido anti-neurastenico. Dá-nos vontade de rir, no meio d'esta insípida alfacinha accordada de vez em quando ao prego dos cauteleiros e dos homens das quintas e boas.

MISS WHITE



DESTINO

a M. L. L.

Que me não amas sei: não te devera amár.
Quizera até fugir-te, esse era o meu dever;
Mas vae dizer á estrella apáque o scintillar,
Mas vae dizer ao mar que cale o seu gemer!

Ou vae dizer á flôr, que não adore o sol
Que lhe traz bemfazejo a graça, aroma e côr.
A' ave, não saude o dia no arrebol,
A' abelha que não libe o mêl á meiga flôr.

A' agua, vae dizer não corra para o mar,
A' aranha, que não tēja a sua fina teia,
A' fonte, cale um dia o terno murmurar,
A' vága, que não beije á praia a branca areia.

A agua, a estrella, a fonte, a aranha, a abelha, o mar,
A ave, a vága, a flôr, lá seguem seu fadario.
Como eu, que meu destino é só a ti amár,
Das lagrimas de dôr fazer o meu rosário!

Lisbôa-1907

RAUL VIOLETA



A aldeia é toda festa e alegria!
Repica o sino; a ermida entre rumores
rescende a rosmaninho, a incenso e flores,
celebrando o Natal n'aquelle dia.

Das casas ao presepe em romaria,
accodem reverentes os pastôres.
Da consoada elevam-se os vapores
que convidam á ceia e á folia.

N'essa noite de paz tudo se esquece!
O filho, que partiu e que anda ausente,
sentindo que a saudade o entristece

pode voltar! Encontra o lar ridente
e o carinho dos paes, como uma prece,
que sobe a Deus dos labios do Innocente.

MARCO SIRE.

INVÉRNO

Noutes d'inverno, noutes somnolentas,
Astrô sem luz voando para longe...
O' faces cor de cêra e enrugadas,
Porque chorais, crianças macilentas?

Agua a cair e levantando o pó,
Ruas desertas, sós, abandonadas...
O' faces cor de cêra e enrugadas,
Que a fome arrasta sem sequer ter dô!

O inverno corta a carne, ó crueldade,
Como se Vós fizesseis nesta Terra
Uma tamanha dor, uma maldade.

Inverno! O' grande chaga tão comprida
E que tanta tristeza nela encerra:
O inverno é toda a nossa pobre Vida

(Do Livro de Dôr)

CARLOS CILIA DE LEMOS

A FESTA DA ARVORE

Realizou-se no dia 19 do corrente na rua Alexandre Herculano esta festa civilisadora. Distribuiu-se n'essa occasião um bello artigo do sr. D. Luiz de Castro e a poesia que damos em seguida, cujo auctor desconhecemos por se ter occultado por modestia exagerada, pois é realmente formosissima.

As arvores

Magestosa rainha! Arvore excelsa!
De humilides avesinhas protectora,
Abrigo de pastores,
Dos artistas enlevo, inspiradora
De classicos antigos e modernos,
Poetas e oradores!

Bem dita sejas tu, filha do sol!
Tudo em ti diz porvir, diz esperanza,
Inspira um pensamento;
Diz a funda raiz — perseverança,
E a doce sombra da copada rama
Suave acolhimento.

Caridosa tu és: despes as galas,
De folhedos e flores com que teces
As corôas de gloria
E os symbolos de paz; nem desfaleces
Perante a fria morte; para as arvores
A morte é a victoria!

Mortas, resuscitae, arvores santas!
Em arca da alliança, arcas do lar,
Ou portas de sacrario;
Mortas, resuscitae e ides levar
Doce conforto ao coração do crente,
Nas contas do rosario.

Não será santidade emfim arder,
Para ao mundo dar luz, força e calor,
Nas vascas do martyrio,
Como martyr christã, cheia d'amor,
Que olhos no céu ao fogo se arremessa,
Em mystico delirio?

Mas na tragica noite do Calvario,
Lenho de redempção! foste sublime:
Negaste-te a ser cruz;
Antes que ser algoz do maior crime,
Quizeste, santo lenho! ser degrau
Do throno de Jesus.

CURIOSIDADES

Em muitas coisas são os chinezes perfeitamente o inverso dos europeus, assim: Os livros na China leem-se da direita para a esquerda; o luzo é representado pela cor branca; é de boa civilidade conservar-se a cabeça coberta na presença dos superiores; a esquerda é o lugar d'honra; come-se a fruta no principio do jantar e a sopa no fim; nas escolas estuda-se e são dadas as lições em voz alta, porque o silencio é uma prova de preguiça.

A HYGIENE DAS IGREJAS

Eis os quinze madamentos que a tal respeito escreveu o Dr. Othon Chateau nas suas taboas da lei higienica.

I — Construir igrejas muito simples, sem naves lateraes, com o menor numero possivel de capélas e altares.

II — Banir por completo, tapêtes, cortinas, estofos d'armações, ornamentos de gaze, e de papel pintado.

III — As cadeiras devem ser de ferro ou de madeira, sem palha, estofos ou oliados e faceis de lavar.

IV — Instalar iluminação elétrica sempre que seja possivel.

V — Durante as cerimoniaes religiosas e, fóra dellas, sempre que sêr possa, conservar abertas: portas, janélas, postigos, vitraes e claraboias.

VI — Suprimir, em absoluto, os guarda-vento.

VII — Colocar em tôdas as entradas *limpa-botas*, afim de que os fieis possam limpar o calçado da lama e outras sujidades.

VIII — Tôdos os dias, ou pêlo menos, apoz as grandes festas, regar o sobrado com solutos antisépticos e varrêr depois.

O método aconselhado pêlos bispos de Fano e Emilio é excelente;

consiste em espalhar no chão serradura de madeira imbebi-da em soluto de sublimado corrosivo na proporção de um, dois ou três por mil e varrer em seguida.

IX—Proximo dos altares, colunas, teias, por toda a parte e em grande profusão, colocar escarradões muito altos, contendo agua de sublimado. Esta agua deve ser substituída todos os dias e os escarradões muito bem lavados.

X—Em sitios bem visíveis, afixar cartazes com estes dizeres: «*Respeite a casa do Senhor, não escarreie no chão.*»

XI—Lavar com agua de sublimado tudo que for de madeira.

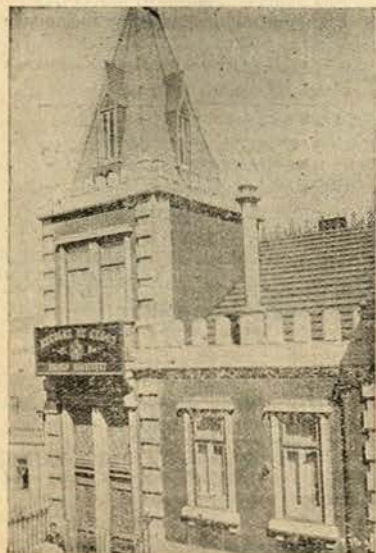
XII—Suprimir os confesionarios ou, quando absolutamente se não possa fazê-lo, laval-os repetidas vezes com sabão, lexivia de potassa, sublimado.

XIII—As pias para agua benta devem ser construídas segundo os processos de Bruns ou de Dalpivoz, porque são as mais higienicas. As pias de antigo modelo serão esgotadas uma vez por semana, lavadas com sublimado ou com potassa (conforme a materia de que forem feitas) e munidas de tampa metalica.

XIV—Proibir expressamente que se beijem reliquias, imagens, estátuas, etc.

XV—Estabelecer fortes multas para os contraventores das regras acima expostas.

Estes quinze mandamentos condensam-se em dois, a saber:



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto

Edifício da Escola de Lisboa



Grupo dos alumnos da Escola «Branco Rodriguez»

— Os que superintendem nas igrejas apresental-as sempre limpas e desinfetadas.

— Os que entram nas igrejas fazerem o possível para as não conspurcarem.

Epigramma

Vestido preto, Fred'rica!...
Ind'hontem foste casar!...
.....
E' p'ra ver que tal me fica
Quando eu enviuar.

DECLITRO

Saber quem somos é a nossa primeira obrigação.

OLIVEIRA MARTINS



N'um leque

Pediu-me um dia, vossencia,
P'ra no seu leque escrever
Um pensamento dos meus.
Vou, com maximo prazer,
Se m'inspirarem as Musas,
Ao seu desejo acceder:

Pensamentos são palavras,
Palavras leva-as o vento,
Não se abane tão depressa
Que desmancha meu intento...
Com o ar que espalha o leque
Faz voar meu pensamento,

LAMPARINA



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto

Escola de Lisboa—Aula



Inquisição

Os que não creem nos designios supremos são torturados nos cárceres, ou queimados nas fogueiras...

LUIZ CEROLA

(Azulejos: Notas científicas; 9 12-1907)

Em horrida prisão, sem luz, sem ar, sem nada,
Um mártir da Igreja amaldiçoada a vida
A fera Inquisição, terrível homicida,
Ahi o sepultou, julgando-se ultrajada!

O Christo, alma do Bem, ó luz abençoada,
Sagrado defensor da Liberdade q'rida,
Em vão sacrificaste a tua própria vida
Em prol da humanidade assim tyrannizada!

O ente que seguir os trilhos da Verdade *
E proclamar bem alto á humanidade inteira
N'um grito de revolta a santa Liberdade.

A Igreja, qual abutre, horrível, carniceira,
Sem do nem compaixão, (o que é Ferocidade!)
Expõe seu corpo nu, ás chamas da fogueira!

MAC-ILLERNO

Vida Sportiva

Uma grande excursão em bicycleta

(Continuação)

Para o percurso de Estremoz a Evora estava indicado para o Raid o caminho por Evora-Monte com 45 km. de extensão por estradas de infima ordem; resolvi pois na manhã seguinte seguir por Vimieiro e Arrayolos, onde almocei, chegando a Evora as 3 horas da tarde com 64 em vez de 45 kilometros, que tanto foi a differença do desvio.

Desde Castello Branco que eu não me avistára mais com os meus companheiros por mais diligencias que eu fizesse para isso; ia nas étapes annunciando a sua proxima passagem, pois não podiam vir longe pelo muito que eu esperava, mas ninguem me dava noticia d'elles, que, mettidos pelos maus caminhos e assaltados pelo mau tempo, iam passando mil tormentos.

Assim cheguei á tardinha a Montemor tendo transposto n'aquelle dia 114 kilometros. Durante a noute, que foi tempestuosa, chegaram tres dos raidistas faltando porém os irmãos Sá Nogueira, pelos quaes manifestavamos de manhã os nossos cuidados quando elles appareceram narrando as suas aventuras. Perdidos e extenuados, apesar da tormenta, tinham chegado a adormecer encostados a arvores, redeas enfiadas no braço, enxarcados até aos ossos.

Sempre que ouvia a descripção d'estes desagradaveis episodios eu dava parabens á minha boa fortuna de ter sempre escapado á chuva, em parte devido á bicyclete, que, sendo muito mais rapida, me permitia que aguardasse as aberturas do tempo, e, ás escapadellas, fosse buscando sempre abrigo seguro.

Sahi pelas 7 e 50 da manhã para ter o prazer de acompanhar os raidistas por uns momentos, e sob um tempo carrancudo em extremo encetei o trajecto para Vendas Novas onde tinha que almoçar e tomar o comboio que me transportasse a Coruche visto não haver por onde á bicyclete transportasse aquelles 37 kilometros. De Montemor a Vendas Novas soffri mil sustos, pois os vendavaes tinham transformado a entrada n'um lameiro inconcebível. Nunca saberei como consegui transpor tantos e tão arriscados pegos sem resvalar uma unica vez. Não poderia haver demora porque o comboio não esperava, e, como também não havia outro caminho, o unico recurso era seguir sem hesitar atravez de tudo. Atravessi charcos em roda livre, com os pedaes em posição perfeitamente horizontal para não metter os pés na agua, tendo previamente, antes da machina se afundar, dado duas ou tres pedaladas rijas que animassem a machina de impulso bastante para chegar ao outro lado! Só um cyclista pode bem avaliar que situações estas.

Imagine-se que banhos eu tive em perspectiva! E quando por vezes as rodas se encravavam em terrões como que de greda! Que prodigios de equilibrio e exforços máximos para vencer aquellas grandes resistencias! Mas se eu tinha como certo que succumbindo na lucta me atolaria pelo menos até acima do tornozello!...

Escapei, certamente devido ao patronato de algum santo affeioado ao cyclismo e que eu não tenho o gosto de conhecer, ao menos de nome.

Em compensação d'este mau bocado fui acolhido gentilmente pela Ex.^{ma} officialidade da Escola Pratica que muito se interessou em que eu não perdesse o comboio e a quem dei a noticia da proxima chegada dos cavalleiros que effectivamente chegaram quando eu já almoçado me retirava para a estação, alli á dois passos.

Apeei-me em Coruche ás 2 da tarde e sómente ás seis cheguei a Almeirim não só porque a sahida d'aquella localidade é um tanto aspera como porque o vento continuava a ser-me adverso o mais possível.

Em todo aquelle dia tinha-me feito uma impressão a lembrança do passeio que ia dar ainda até Abrantes para ir para casa, quando em Vendas Novas estava tão perto de Lisboa. Ia porém percorrer a região em que conto tantos e tão bons amigos e isso animou-me bastante.

De manhã não havia noticia da chegada de nenhum dos concorrentes, mas, como era meu empenho chegar em companhia d'alguns e receiava que o final fosse segunda edição do que estavam fazendo n'aquella hora os do primeiro grupo, resolvi seguir e demorar-me depois mais perto de Lisboa.

A caminho, pois, dei entrada na Chamusca pelas 7 e 15 da manhã, com 1208 kilometros percorridos. Ahi encontrei-me com o meu amigo e entusiasta cyclista d'aquella localidade, sr. Antonio Jorge das Neves; elle e alguns cavalleiros seus amigos tiveram a amabilidade de me guiarem até ao logar do Assigiado, tornando-me assim ainda mais agradável o caminho já de si interessante. E' um poetico trecho do nosso formoso Tejo aquelle em que passei para Tancos; do alto do logar saudei ao entrar na estrada real os meus amaveis companheiros que divisava na outra margem. Algumas horas depois eu teria de passar ali de novo pois ia a Abrantes simplesmente visar a minha caderneta. Os cavalleiros esses seguiriam sempre pela margem esquerda por caminhos em que eu não podia enveredar.

Almocei em Constancia onde á mesa do hotel encontrei senhoras e cavalleiros, familia do concorrente Costa Ramos, que buscavam fazer-lhe a surpresa de apparecerem no seu caminho. Não podiam porém perma-

necer ali mais tempo e eu gostosamente recebi o encargo de lhe dar tão boas novas, o que sómente pude fazer no dia seguinte, me Santarem.

De Rio de Moinhos para Abrantes a subida é bastante aspera e como era quasi uma hora da tarde vi-me obrigado a fazer grande parte a pé.

Demorei-me apenas alguns minutos pois desejava chegar á Gollegá antes da noute, o que consegui, tendo passado na Barquinha pela familia do sr. Costa Ramos que n'uma carruagem se dirigiam então para o Entroncamento e que amavelmente me auguraram boa viagem.

A minha etape n'aquelle dia fôra de 94 kilometros.

(Continúa)

J. COSTA BRAGA



ESBOÇO

(A alguem)

Rosto oval e moreno, negra trança
Da mesma cor seus olhos provocantes
Pestanas alongadas, abundantes
Sobrancelhas tambem d'igual pujança.

Labios que n'um sorriso d'esp'rança
Descobrem alvos dentes deslumbrantes
Maneiras tão distinctas, tão galantes
Como não vejo em outra, similhança.

Sejo opulento, braços primorosos,
Mãos pequeninas, cinta delicada
E dois pésinhos, lindos, cubiçosos!

Eis de alguem, mas apenas esboçada
Sua imagem d'encantos preciosos,
Por quem minh'alma geme apaixonada

ANTONIO ASSIS ESPERANÇA

Semana Alegre

Um galêgo entra numa pharmacia e entrega ao dono da casa uma garrafa vazia, com rótulo.

— Isto é para repetir?

— Num Xenhôr, é pr'a tomar ás colheres.

— Meu querido doutôr, admirou-me não o ver hontem no entêrro do Cunha... sabe... que era seu cliente...

— Está enganado... nós os medicos não costumamos levar a obra a casa do freguez.

N'uma estação do caminho de ferro:

—Dá-me um bilhete, se faz favor?

—Para que estação, minha senhora?

—Que tem você com isso?! Ora o atrevido!



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto

Carlos Núñez, secretário da Escola de Lisboa a



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez» de Lisboa e do Porto

Alunas da Escola de Lisboa trabalhando em artefactos de malha

CONSUÉLO

Paginas d'um livro

Tal é o titulo do novo e formosissimo conto com que o nosso querido amigo e distinctissimo escriptor Fernando da Costa Freitas (*Almariva*) honra mais uma vez as columnas do *Azulejos* e que publicaremos n'um dos proximos numeros d'este semanario.

Para elle chamamos a attenção dos nossos predados leitores, não só pela belleza da forma, delicadeza da estrutura e elevação de conceito, mas ainda porque segundo cremos, n'elle se retrata a vida aventureosa e galante d'uma mundana celebre, que em tempos não distantes, fez tambem ruidoso successo entre a juventude doirada do nosso tempo.



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez»

Léon Jamet, professor de musica da Escola de Lisboa



Escolas de Cegos «Branco Rodriguez»

Edificio da Escola do Porto

POSTA RESTANTE

Olympio— Erradas na accentuação e numero de syllabas .. simplesmente.

Mario— Lêm e cacophônicos, exemplo: *coração de amar me havia*... inda se fosse a *via ferrea*...

Silvares— O actual sae brevemente. O antigo está ás suas ordens, n'esta redacção.

VARIÉDADES

Ementa do Azulejos para o

jantar de 25 de Dezembro de 1907

SOBREMEZAS

Queijos: Serra. Carmembert.

Doce: *Crème Suisso*.—Deite-se numa caçarola uma garrafa de vinho da Madeira, 125 gramas d'assucar, um bocado de casca de limão vêrde, uma duzia de sementes d'erva doce e deixe-se fervêr tudo durante 5 minutos; em estando reduzido a duas terças partes do volume, passe-se pêlo peneiro juntamente com seis gêmas d'ovos e um pouquinho de farinha desfeita em agua de flôres de laranjeira. Coloque-se tudo num prato e ponha-se a cosêr sobre uma vasilha cheia d'agua a fervêr; tape-se com outro prato e neste ponham-se algumas brazas. Em estando coalhado, deixe-se esfriar e sirva-se.—Acompanha-se com *Porto seco*, *Madeira Malvasia* ou *Lacrima Cristi*.

Frutas— Passas — Amendoas — Nozes — Avelans — Castanhas assadas — Etc.

Café. — Licôres.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Decifradores

Do n.º 11.

Em concurso.—*Marianno Ribeiro (11)*—*A. Carvalho (11)*—*Manoel de Sousa (10)*—*Litras (9)*.

Decifradores do n.º 12.

Em concurso.—*Litras (12)*, *Marianno Ribeiro (10)*.

Decifrações do numero antecedente

Anacleto—Mirabanda—Tuaca—Nuto—Cajá—Gorro, jorro—Baioneta, baeta—Revesar, resar—Orix, xiro—Desfalque—Escapadella—Entrecosto—Cacete, capacete—Cebolla—Faia—Mar, Verim, Arçilla, Minhotões, Dorsões, Cotas, Ccç.

Logogriphos

São tres as Graças
Tres as Virtudes,
Cantou a Ilda,
Ritta e Gertrudes-1, 4, 5, 7

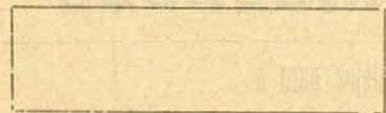
Era de mais
O trecho inteiro
Foi um pedaço
Para o tinteiro-6, 7, 4, 3, 2

Mas não quizeram
Tirar o resto,
Ficou o culto
Qu'era modesto-4, 5, 1, 7

E por ser justo
E mui direito
Ficou sem curvas
Muito perfeito-4, 2, 6, 1, 7

Severo e carrancudo,
Eu sou tambem medonho,
Assustó o mais valente
Mesmo que seja em sonho.

J. P.



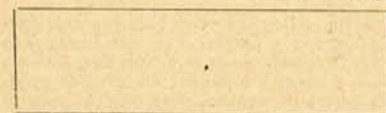
Rapidos

Atraz
1, 2, 3, 4, 5

Perfeito
6, 7, 8, 9, 10

De oriente para occidente

J. P.



Não é favor
1, 2, 3, 4, 5, 6

Planta vivaz
7, 8, 9, 10

Planta

J. P.



Charadas

Novissimas

No corpo faz a abelha o pão d'assucar-2
-1-1.

E. RAMOS



Despido pela terceira vez os recién-nascidos não passam sem ella-1-1.

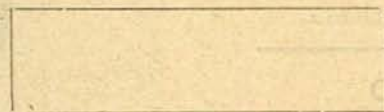
J. P.



Truncada

O cobre é de Angola, 3.

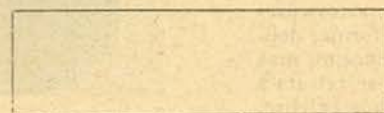
AÇNAREPSE



Biforme

O preguiçoso gosta do guisado de carne de vacca com vinagre, alho e pimenta-3.

AUROFIU



Syncopada

3-A pedra é grossa-2.

AÇNAREPSE



Augmentativa

O cadarço do Brazil-3.

LITRAS



Electrica

O appellido é dos cavallos-2.

FAUSTO NEVES

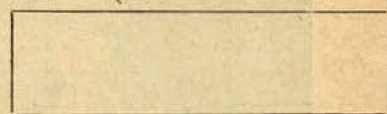


Enygmas

Typographicos

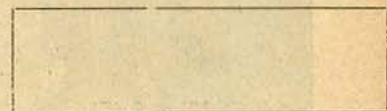
PER

J. L.



TO
FOR

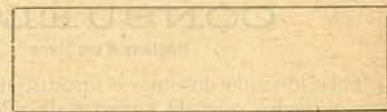
ALPHA



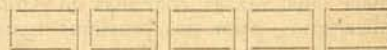
X

Abonado

LITRAS

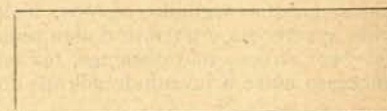


De palitos



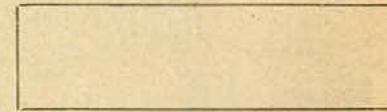
Tirando 10 palitos é epiderme endurecida.

K. K.



Tirando 11 palitos encontra-se na cabeça.

M. P.



Chorographico

J * * * * *
* O * * * * *
* * R * * * *
* * * Z * * *
* * * * * E

Terras portuguezas.

J. P.



Artigos a decifrar, 16.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

La nuit d'été

VALSA LENTA

Joaquim José de Almeida

PIANO. *Alleg.^{ro} gracioso* *acell.* *rit.* *Staccato*

8 Valsa lento *dolce* *p* *acell.*

rit. *a tempo*

acell. *pesante* *a tempo*

Un poco piu *mf* *p o. cresc.* *en.* *do* *sempre*

molto p *ff molto*

pesante *pp* *acell.* *rit.* *1.* *2.* *Il Cão Sousegue Coda*

Coda *lento e dolce* *rall e dim.* *Allg.* *ff*

NO PROXIMO NUMERO
 MARCHA DOS VALLES por LUIZ CARDOZO